

CONTRIBUIÇÕES DOS SISTEMAS COMPLEXOS PARA A ANÁLISE DA SEMIOSE

Bruno Cardoso de Melo. Graduando em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: o.bruno.c@gmail.com

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez.

O objetivo deste trabalho é buscar parâmetros para compreender o seguinte problema: a semiose pode ser compreendida como um sistema complexo auto-organizado? Nos basearemos na hipótese de Morin (2008) e Debrun (1996) acerca do paradigma da complexidade e da teoria da auto-organização para analisar a semiótica peirceana a partir dos conceitos de *signo*, *objeto* e *interpretante*, os componentes triádicos e indissociáveis para o processo de geração de novos signos, ou *semiose*. A semiose é constituída por signos e estes possuem o papel de *estar* no lugar de um Objeto que ele representa. Os Objetos são considerados por Peirce (CP 2.173) como parte da realidade, independente de estado mentais ou disposições psíquicas de qualquer intérprete. O efeito da ação do signo sobre algo, na geração de outro signo, é denominado por Peirce, *interpretante*. A dinâmica dos interpretantes delimita a semiose como um vetor de significação para o futuro, na qual a geração de novos interpretantes a partir dos existentes pode garantir a continuidade da representação do mesmo objeto no fluxo semiótico. Embasado nos conceitos de *qualidade emergente*, *princípio hologramático* e *auto-organização*, propostos respectivamente por Morin (2008) e Debrun (1996) argumentaremos que o processo de geração de signos pode ser analisado como um processo sistêmico-complexo e auto-organizado. A razão para isto é que a semiose se constitui a partir de elementos distintos que se encontram sob multi-escalas, se organizam a partir das interações dinâmicas e espontâneas e constituem propriedades emergentes que carregam as propriedades do processo sígnico como um todo e simultaneamente geram novas instanciações interpretativas sem a presença de um elemento central para os regerem. Por fim, concluímos com a elucidação destes parâmetros como contribuintes para uma compreensão complexa e auto-organizada do pensamento manifesto fenomenologicamente, considerado como uma rede de signos.